



## **O SETOR DE PRODUÇÃO DE MÓVEIS NO BRASIL: DESENVOLVIMENTO E DINÂMICA ESPACIAL NOS ANOS 2000**

Bruno Saggiorato <sup>1</sup>

### **RESUMO**

O objetivo do presente texto é apresentar um panorama geral da produção de móveis, concentrando as análises na dinâmica do setor no Brasil durante os anos 2000. Para atingir o objetivo, recorreremos a pesquisa bibliográfica por meio do estado da arte publicado sobre o tema, além de dados dos principais repositórios. Argumenta-se que a produção brasileira de móveis foi alçada a um novo patamar de desenvolvimento forjado no bojo dos investimentos e das políticas sociais desenhadas nos governos Lula-Dilma. No melhor momento para o setor, o número de empregos formais cresceu 4,15% entre 2007-13, desempenho bem diferente se comparado aos -3,40% entre 2014-19 (RAIS, 2019). Já o valor da produção industrial cresceu 10,23% e -0,15% respectivamente nos mesmos períodos (IBGE, 2018).

**Palavras-chave:** Crescimento Econômico, Móveis, Dinâmica Espacial.

## **EL SECTOR DE PRODUCCIÓN DE MÓVILES EN BRASIL: DESARROLLO Y DINÁMICA ESPACIAL EN LOS AÑOS 2000**

### **RESUMEN**

El objetivo del presente texto es presentar un panorama general de la producción de móviles, concentrando los análisis en la dinámica del sector en Brasil durante los años 2000. Para atingir el objetivo, recorreremos a la investigación bibliográfica por medio del estado del arte publicado sobre el tema, además de datos de los principales repositorios. Se argumenta que la producción brasileña de móviles llegó a un nuevo nivel de desarrollo forjado en el bullicio de las inversiones y de las políticas sociales diseñadas en los gobiernos Lula-Dilma. En el mejor momento para el sector, el número de trabajos formales creció 4,15% entre 2007-13, rendimiento bien distinto si se lo compara a los -3,40% entre 2014-19 (RAIS, 2019). Ya el valor de la producción industrial creció 10,23% y -0,15% respectivamente en los mismos periodos (IBGE, 2018).

**Palabras clave:** Crecimiento Económico, Móviles, Dinámica Espacial.

---

<sup>1</sup> Mestre em Geografia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná – campus de Francisco Beltrão - PR, [saggiorato38@gmail.com](mailto:saggiorato38@gmail.com);



## **INTRODUÇÃO**

O artigo faz parte dos estudos realizados para o mestrado em Geografia, que teve como temática a industrialização de Ampére, município que é o principal polo da mesorregião Sudoeste Paranaense na produção de móveis e ocupa a 6ª posição do estado na geração de empregos nesse setor.

Outro fator que motivou essa investigação foi a carência de estudos sobre o setor moveleiro no campo da Geografia Econômica. No estado da arte realizado encontrou-se apenas o trabalho de Rodrigues (2008) nessa área. As pesquisas sobre esse setor são feitas principalmente por economistas, como o excelente estudo de Galinari, Teixeira Junior e Morgado (2013).

Dessa forma, o texto tem por intuito apresentar um panorama geral da produção de móveis, concentrando as análises na dinâmica espacial e econômica do setor no Brasil pós anos 2000.

A produção de móveis é considerada uma das atividades mais tradicionais da indústria de transformação. Nesse segmento, há predominância de um insumo natural, a madeira, que também passa por um processo de transformação industrial para posteriormente ser destinada aos produtores de mobiliário.

## **METODOLOGIA**

Para atingir o objetivo, recorremos a pesquisa bibliográfica apoiado no estado da arte publicado sobre o tema no Brasil, por meio de artigos, dissertações, livros etc. e também foram usados dados como do IBGE (2017; 2018), RAIS (2019) e Ministério da Economia (2020).

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Uma das particularidades do setor diz respeito a baixa barreira a entrada, ou seja, o capital inicial a ser investido não é demasiadamente elevado para certos tipos de produção, principalmente em pequena escala destinados a mercados locais. Com relação as inovações nesse setor, as mais importantes são de máquinas e equipamentos, novos materiais e design de produto (GALINARI, TEIXEIRA JUNIOR E MORGADO, 2013).



Na sua gênese, a produção de móveis era realizada de forma artesanal no Brasil, mais especificamente no interior das fazendas de escravos, onde se produzia também vestimentas, ferramentas para o trabalho etc., sobretudo quando os ciclos longos impuseram dificuldades às importações, incentivando a substituição desses bens pela produção interna, como ocorreu no ciclo depressivo de 1815-1848<sup>2</sup>.

No final do século XIX, a produção de móveis começava a implementar algum tipo de maquinaria na produção, assim

Os processos de fabricação artesanais começaram a ser substituídos pela mecanização no final do século XIX, a fim de facilitar a produção. Coutinho *et al.* (2001) relatam que devido ao grande fluxo imigratório no início do século XX, surgiram pequenas oficinas de artesãos italianos em São Paulo e municípios limítrofes, como Santo André, São Caetano e São Bernardo. Os autores consideram este momento como o início da indústria moveleira, atrelada à primeira fase do desenvolvimento industrial brasileiro, onde a maior parte de sua produção procurava atender ao mercado popular em formação. Até então, como apontam Bayeux (1997) e Devides (2006), as marcenarias produziam mobiliário de forma híbrida e foi durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) que o Brasil teve a sua primeira experiência em termos de produção seriada, com a linha de móveis em madeira vergada desenhada pelo marceneiro espanhol Celso Martinez Carrera (1883-1955), em 1915 (ARRUDA, 2009, p. 28).

Porém, não se tratava de um setor industrial desenvolvido, estava longe disso, o que viria a acontecer somente em meados do século XX, quando a dinâmica da industrialização brasileira havia criado condições para o desenvolvimento do setor de móveis.

Quais os ramos industriais que se desenvolveram no Brasil até as primeiras décadas do século XX? As produções industriais mais avançadas eram as de alimentos, têxteis e vestuário. Alguns destes setores já eram claramente industriais: tecidos de algodão, lã e juta, além da produção de açúcar, fósforos e cerveja, enquanto outros permaneciam ainda com características manufatureiras e mesmo artesanais, como as produções de calçados, chapéus, cigarros e charutos, **móveis**, banhas, charque, além dos curtumes e oficinas mecânicas e fundições. A produção de tecidos de algodão, entretanto, era de longe a mais importante (MAMIGONIAN, 2000, p. 38. Grifo nosso).

---

<sup>2</sup>“A ociosidade de terras e braços antes voltados à exportação foi canalizada à produção de alimentos e matérias-primas e à produção de tecidos, móveis, roupas, etc. que realizavam uma substituição de importações no interior das fazendas escravistas” (MAMIGONIAN, 2000, p. 31).



Boa parte das primeiras iniciativas, tanto artesanais quanto industriais, provieram de imigrantes italianos e alemães sobretudo no Sul do país e portugueses principalmente no Sudeste, os quais já chegaram no Brasil com conhecimento e técnica para o trabalho com a madeira, alguns inicialmente com serrarias e depois passando a produzir móveis.

No decorrer dos anos 1960-70, a indústria moveleira expandiu significativamente devido ao aumento da demanda por móveis, o que é explicado, dentre outros fatores, pelo incentivo do governo federal à construção civil, mais precisamente pela criação do Banco Nacional de Habitação (BNH), uma política habitacional que alavancou a produção de móveis (PEREIRA, 2009).

Portanto, é somente com a industrialização do país e ampliação da divisão social e territorial do trabalho que o complexo rural foi se desestruturando e criando também demanda para bens de consumo, inclusive móveis, que abandonam a predominância da produção artesanal no interior das fazendas e passam a ser produzidos por firmas especializadas, ou seja, o mobiliário se tornou um ramo moderno da indústria.

Nas últimas décadas a produção de móveis passou transformações relevantes, desde a matéria-prima como a madeira, passando pelas máquinas e equipamentos, que permitiram expandir a produtividade, como o desenvolvimento do MDF<sup>3</sup> nos anos 1990, que segundo Mazzochin (2010, p. 32) “Por suas características de poder ser torneado, este tipo de painel tornou-se uma matéria-prima muito desejada pela indústria moveleira, em razão da sua versatilidade e do melhor acabamento que propicia aos móveis”.

Atualmente, existe uma enorme diversidade de produtos, cores, design e materiais disponíveis para móveis, que podem ser desenhados e fabricados de acordo com as demandas de cada consumidor no caso dos móveis planejados.

Durante a década de 90, a cadeia produtiva de madeira e móveis em termos mundiais sofreu grandes transformações com conseqüentes ganhos de produtividade, não somente no que se refere à introdução de equipamentos automatizados na área produtiva e à utilização de novas técnicas de gestão, como também ao uso de outras fontes de matérias-primas, já que por questões ambientais a utilização de madeiras nobres encontra hoje uso restrito (COUTINHO, et al., 2002, p. 6).

---

<sup>3</sup> “Os painéis são estruturas fabricadas com madeiras laminadas ou em diferentes estágios de desagregação, que são aglutinadas pela ação de pressão e temperatura, com uso de resinas em alguns casos. Esse tipo de produto substitui a madeira maciça em diferentes usos, como na fabricação de móveis e pisos. Eles surgiram como uma necessidade gerada pela escassez e pelo encarecimento da madeira maciça. A madeira aglomerada/MDP é utilizada principalmente na fabricação de móveis retilíneos (tampos de mesas, laterais de armários e estantes e divisórias). O MDF [...] por permitir usinagem, presta-se a usos que o aglomerado/MDP não permite, principalmente na confecção de portas usinadas, pés torneados de mesas, caixas de som, fundos de gaveta e de armários” (MAZZOCHIN, 2010, p. 135-137-138-139).



Durante os governos Lula e Dilma, principalmente entre os anos 2006-2013, o Brasil passou por mudanças importantes de política econômica, suscitando num crescimento econômico considerável e no desenvolvimento de diversos setores, como o moveleiro. Vários autores se dedicaram a debater esse período, embora com perspectivas teóricas diversificadas, empreenderam esforços para compreender os principais determinantes desse processo, como por exemplo Carvalho (2018), Medeiros (2017), Espíndola (2019), Bresser-Pereira (2016), Paulani (2017) e Pomar (2016).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **Panorama do setor moveleiro no mundo**

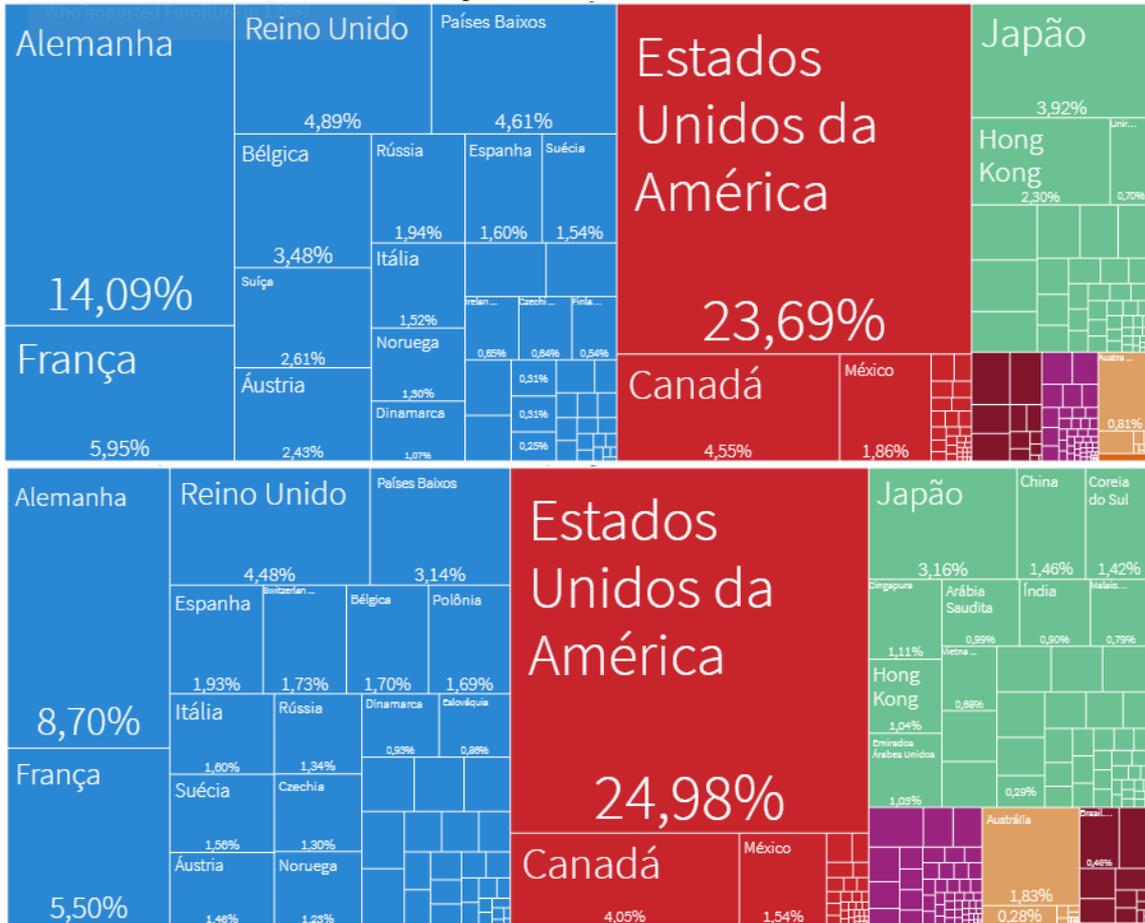
Em relação à produção de móveis, 77% está concentrado em 10 países. A China é hoje a maior fabricante com impressionantes 44% da produção, seguida dos Estados Unidos com 10%, Alemanha com 5%, Itália com 4% e Brasil, quinto produtor mundial com 3% (FIEP, 2017). O continente Asiático é o maior consumidor (46%), com a China respondendo por 73% na Ásia e 34% do consumo global (FIEP, 2017).

Além de concentrar quase metade da produção moveleira, a China também é o principal exportador do produto, tendo 36,68% do mercado mundial, seguida da Alemanha com 7,18%, Polônia com 5,89%, Itália com 5,87%, México com 4,86% e EUA com 4,39%. O Brasil consome grande parte da sua produção e é um exportador tímido, com participação de apenas 0,29% (THE ATLAS OF ECONOMIC COMPLEXITY, 2018).





Figura 2 - Participação dos países nas Importações de móveis – primeiro plano dados de 1998, segundo plano dados de 2018



Fonte: Atlas of economic complexity. Organizado pelo autor, 2021.

Quanto às importações, as mudanças em 20 anos foram mais sutis que as exportações. Os Estados Unidos continuam sendo o principal demandante mundial de móveis, com praticamente  $\frac{1}{4}$  desse mercado consumidor. A Europa também mantém sua grande demanda pelo produto. A principal novidade parece ser o aumento relativo do consumo no continente asiático.

### Desenvolvimento e dinâmica espacial do setor moveleiro nos anos 2000

Galinari, Teixeira Junior e Morgado (2013) afirmam que apesar da concorrência internacional, a indústria brasileira de móveis tem mantido competitividade no mercado doméstico, produzindo grande parte do mobiliário consumido no país. As importações mais significativas ocorrem apenas para móveis de materiais plásticos e metais, segmentos que o Brasil é pouco competitivo.



É grande a heterogeneidade do setor no tocante ao uso de tecnologias. Alguns tipos de produto admitem processos de fabricação com elevada automação, como os móveis retilíneos elaborados com madeiras reconstituídas (MDF, MDP etc.), enquanto outros demandam grande quantidade de trabalhos manuais, como os móveis artesanais de madeira maciça. Coexistem no setor empresas de porte médio ou grande que produzem em massa, empregando máquinas e equipamentos de elevado conteúdo tecnológico, empresas parcialmente automatizadas, além de micro e pequenas empresas intensivas em trabalho. Esses atributos determinam uma estrutura de mercado pulverizada, heterogênea, dotada de variados nichos e com presença marcante de micro e pequenas empresas. A diversidade do setor também é grande no que tange ao padrão de concorrência, já que a competição é pautada basicamente por preços, nos segmentos mais populares, e por atributos como qualidade, *design* e marca, nos superiores (GALINARI, TEIXEIRA JUNIOR E MORGADO, 2013, p. 229- 230).

No Brasil, a produção moveleira se concentra fundamentalmente nas regiões Sul e Sudeste, onde estão 86% do valor bruto da produção industrial total. O Rio Grande do Sul lidera com 24,21% da produção nacional, seguido de São Paulo com 23,32%, Paraná com 16,26%, Minas Gerais participou com 9,84%, Santa Catarina com 9,59% e Rio de Janeiro com 2,93% (IBGE, 2018).

Atualmente no Brasil existem 5 grandes polos moveleiros localizados nas regiões Sul e Sudeste. No Rio Grande do Sul destaque para a mesorregião Nordeste Rio-Grandense, que possui 15.750 trabalhadores no setor, o que corresponde a 46,49% dos empregos estaduais na produção de móveis. O município de Bento Gonçalves lidera com 5.752 empregos (16,98% do estado).

No Paraná a mesorregião Norte Central concentra 15.668 empregos, número que representa 46,68% dos trabalhadores do setor no estado. Em Arapongas está a maior parcela dos empregos da região, que somam 9.026 trabalhadores, representando 26,85% do setor no estado. Arapongas também é o município no Brasil que mais gera empregos na produção de móveis.

Encontra-se em Minas Gerais outra importante região na produção moveleira. A Zona da Mata possui 15.674 pessoas empregadas no setor (50,55% do estado). Ubá é o município mineiro que lidera na região com 8.758 trabalhadores ou 28,24% dos vínculos no estado.

O estado de São Paulo fecha a lista de regiões brasileiras que atingem a casa dos 15 mil trabalhadores empregados no setor de móveis. Na grande São Paulo (mesorregião

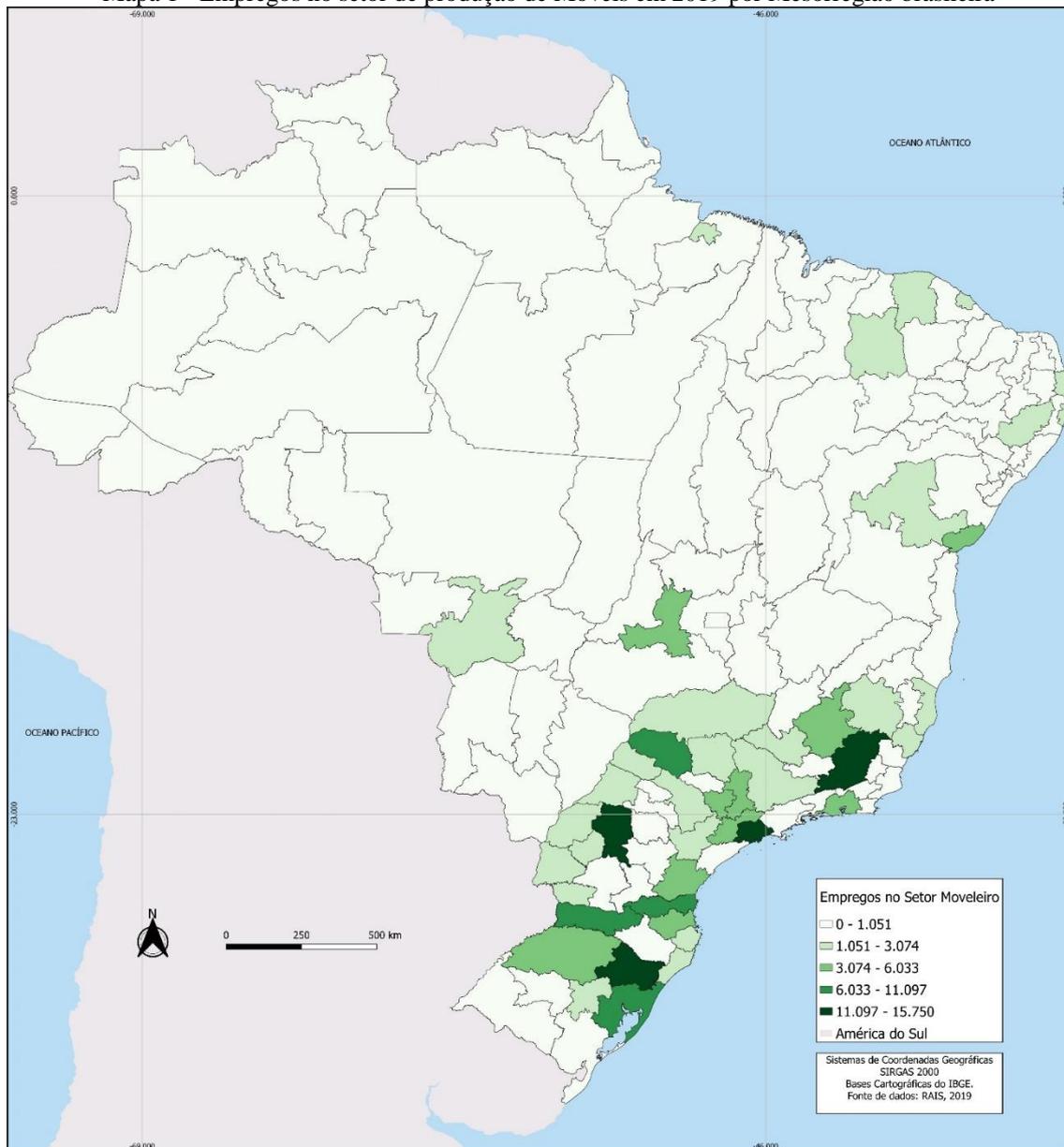


Metropolitana) são 15.517 empregos, que equivalem a 28,96% no estado. A capital paulista é o município que se destaca com seus 4.328 vínculos formais (8,07% do estado).

Por fim, em Santa Catarina a mesorregião Norte Catarinense ganha realce com um total de 9.931 empregos na produção moveleira, o que corresponde a 34,87% dos trabalhadores do setor no estado. São Bento do Sul, com 4.949 empregos é o município que mais gera vínculos do setor na região e também no estado (17,37%).

As cinco regiões destacadas aqui representam juntas 31,56% dos 229.866 trabalhadores do setor no Brasil. Em todas essas mesorregiões, conforme pôde ser visto, há um município que se destaca no setor.

Mapa 1 - Empregos no setor de produção de Móveis em 2019 por Mesorregião brasileira



Fonte: RAIS, 2019. Organizado pelo autor, 2021.



Com relação à dinâmica recente da indústria nacional, pode-se dizer que a crise brasileira dos anos 1980, que coincidiu com a fase recessiva do 3º ciclo de Kondratiev, somada a subsequente adoção de políticas neoliberais, causou uma reorientação da economia nacional, ou mais precisamente, uma mudança no pacto de poder, no qual a indústria e o crescimento econômico deixaram de ser o foco central das políticas do período.

Nesse contexto de abertura financeira e comercial abrupta, as firmas que sobreviveram foram as que conseguiram reestruturar seu processo produtivo, incluindo aí inovações em processo e produto, mudanças administrativas e organizacionais tanto no âmbito gerencial quanto do trabalho, somada a outros fatores particulares do setor de móveis, uma vez que a competitividade das firmas brasileiras deve ser analisada setorialmente, pois cada ramo da produção apresenta suas próprias combinações geo-econômicas e estratégias de mercado.

Porém, a produção brasileira de móveis foi alçada a um novo patamar de desenvolvimento forjado no bojo dos investimentos e das políticas sociais desenhadas nos governos Lula-Dilma.

O diferencial dos governos de Lula/Dilma em relação aos governos abertamente neoliberais que o precederam é que, a despeito da permanência dessas tendências e de sua pouca disposição de bulir com elas, eles lograram, graças às boas condições internacionais do período e, em seu início, ao espaço aberto pelo elevado nível de desvalorização do câmbio provocado pela própria eleição de Lula, implementar um modelo conciliatório, em que os ganhos dos de cima, em particular da elite financeirizada, puderam conviver com políticas sociais de alto impacto e ganhos aos de baixo (PAULANI, 2017, p. 31-32).

As políticas governamentais adotadas em confluência com um cenário externo favorável, permitiram que o Brasil experimentasse taxas de crescimento econômico interessantes nos anos 2000.

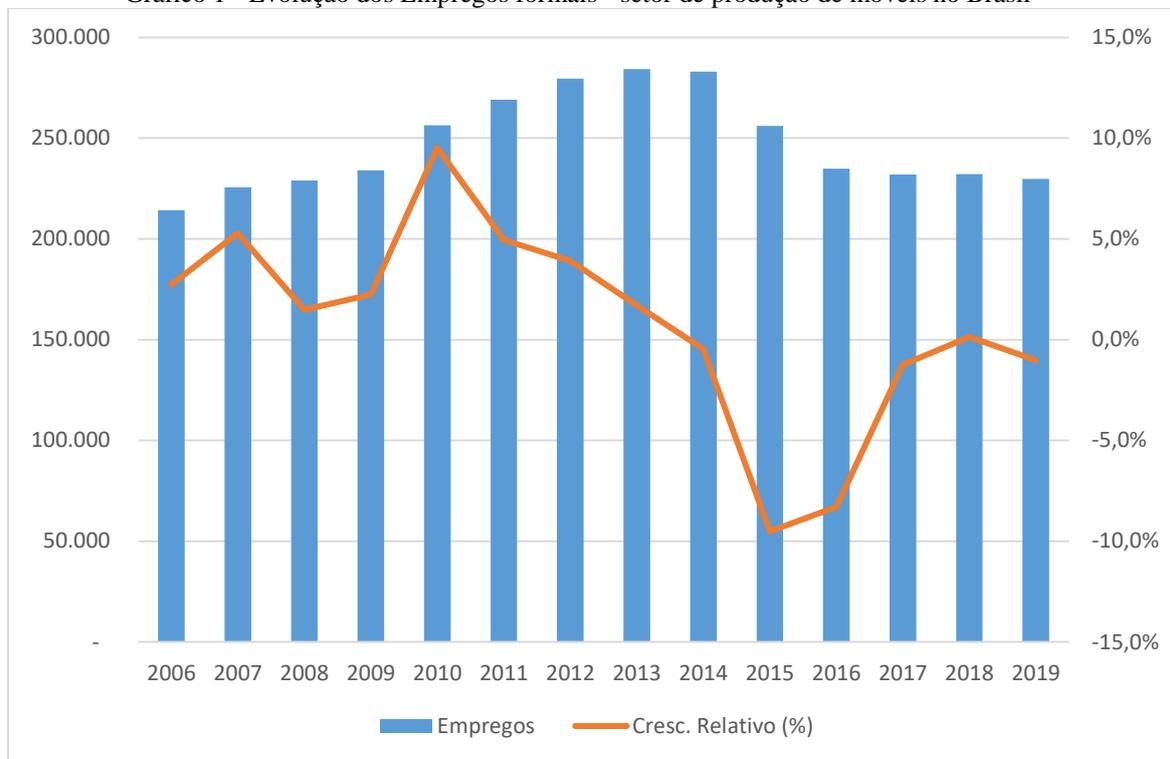
Com a relativa melhoria da economia e retomada dos investimentos em diversos setores industriais, o governo Lula conseguiu acomodar os interesses conflitantes. A retomada do crescimento de 2006 a 2010 animou os defensores de políticas de desenvolvimento, que passaram a falar em novo-desenvolvimentismo. O sucesso concreto da política do período foi inegável, como redução da dívida externa, aumento significativo da renda em todos os estratos, aumentos do salário mínimo acima da inflação, redução do desemprego para níveis considerados de pleno emprego, retomada do crescimento de todos os setores da



economia, crescimento das exportações com grande acumulação de reservas externas, redução da desigualdade com inclusão de milhões de pessoas no mercado de consumo entre outras (MEDEIROS, 2017, p. 275).

O programa Minha Casa Minha Vida (MCMV) criado em 2009, por exemplo, impactou diretamente de forma positiva o setor de produção de móveis no Brasil. Ele contribuiu para que o setor tivesse um bom desempenho nesse período, como mostram os dados de empregos formais, valor da produção e quantidade produzida.

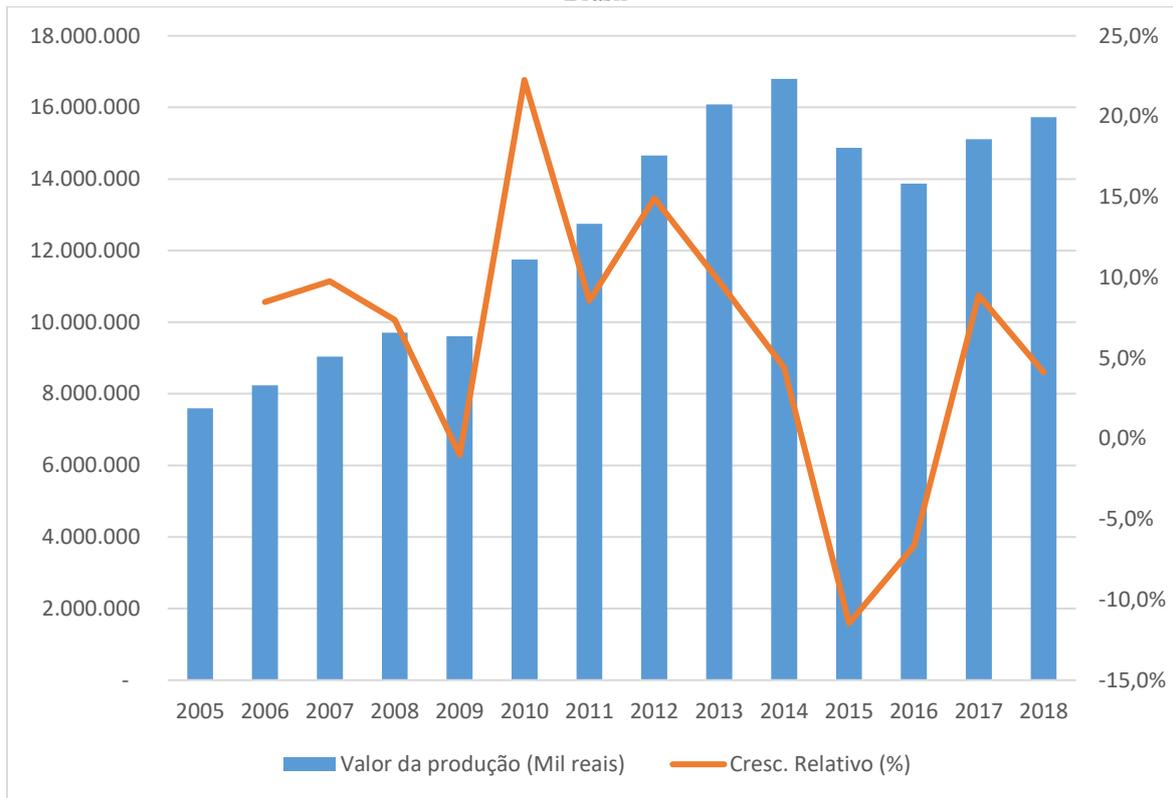
Gráfico 1 - Evolução dos Empregos formais - setor de produção de móveis no Brasil



Fonte: RAIS. Organizado pelo autor, 2021.

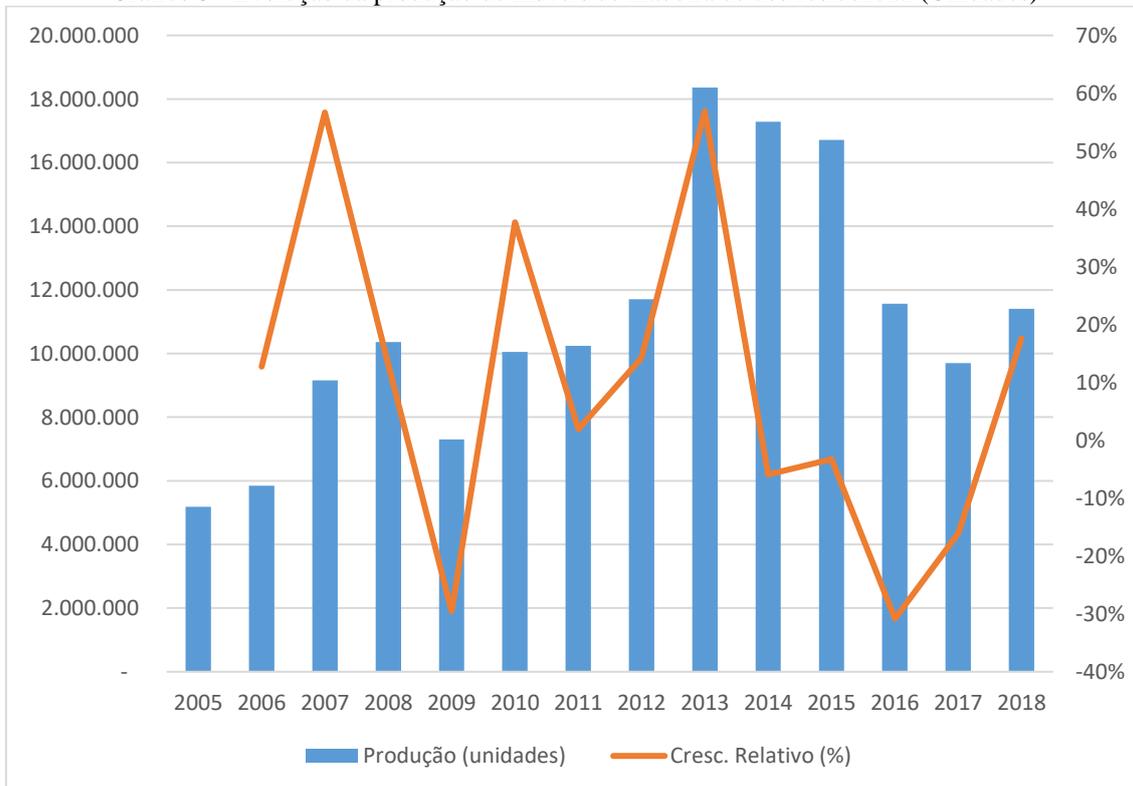


Gráfico 2 - Evolução da produção industrial (Mil reais) de móveis com predominância de madeira no Brasil



Fonte: IBGE. Organizado pelo autor, 2021.

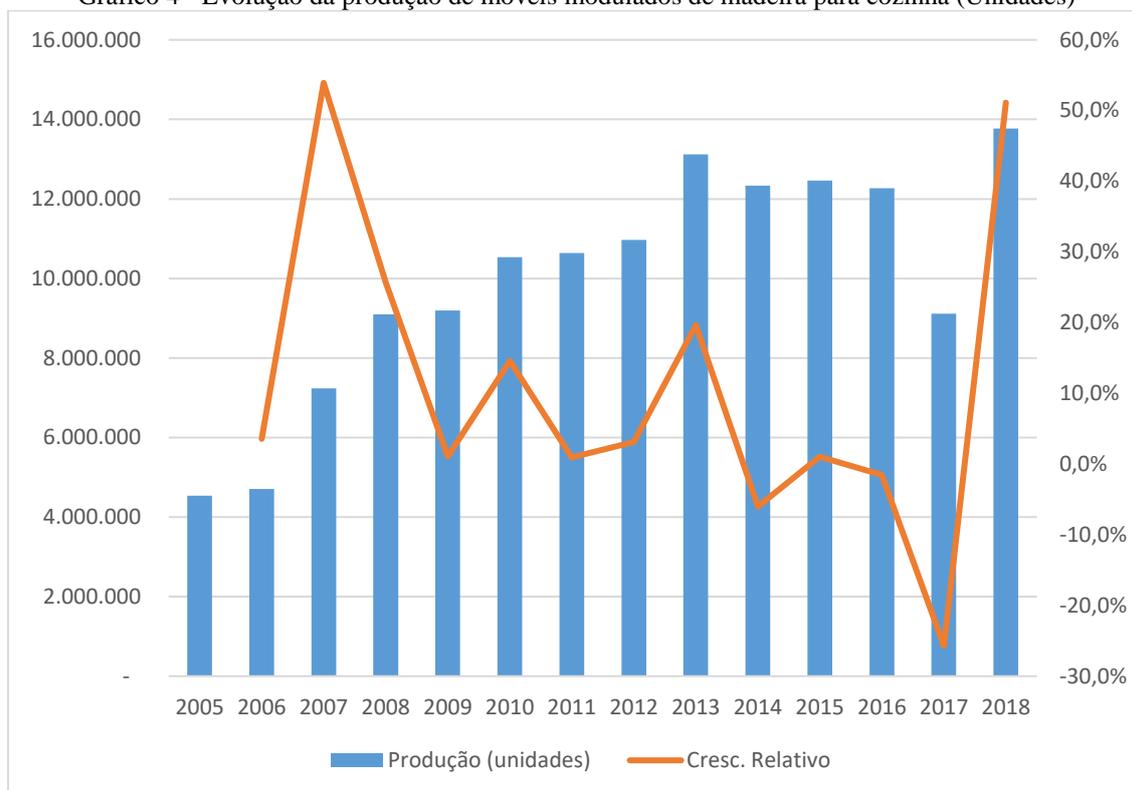
Gráfico 3 - Evolução da produção de móveis de madeira de uso residencial (Unidades)



Fonte: IBGE. Organizado pelo autor, 2021.



Gráfico 4 - Evolução da produção de móveis modulados de madeira para cozinha (Unidades)



Fonte: IBGE. Organizado pelo autor, 2021.

No melhor momento para o setor, o número de empregos formais cresceu 4,15% entre 2007-13, desempenho bem diferente se comparado aos -3,40% entre 2014-19 (RAIS, 2019). Já o valor da produção industrial cresceu 10,23% e -0,15% respectivamente nos mesmos períodos (IBGE, 2018).

Esse desempenho reflete, em grande medida, o incentivo dado ao setor de construção civil no período, que fez com a produção de móveis expandisse para atender as novas moradias. O programa MCMV foi lançado em 2009 e nos anos subsequentes houve saltos em todos os dados dos gráficos 1, 2, 3 e 4.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os polos moveleiros nacionais apresentam uma dinâmica geoeconômica conformada a partir de combinações geográficas (CHOLLEY, 1964) e de múltiplas determinações (MARX, 2008) sociais, culturais, naturais, de inovações tecnológicas, concorrência entre firmas, políticas econômicas etc.



As semelhanças e diferenças qualitativas entre os principais polos de produção de móveis demanda um estudo mais aprofundado dos mesmos, para que assim seja possível compreender como se articulam as características regionais com os processos mais gerais, ou em outros termos, os polos moveleiros respondem aos impulsos nacionais de forma igual? Ou ainda, que aspectos assemelham e diferenciam as principais localidades de produção moveleira?

Nos polos da região sul do Brasil, por exemplo, onde se concentra mais de 50% da produção moveleira nacional (IBGE, 2018), predominam como característica a formação de industriais oriundos da pequena produção mercantil, geralmente imigrantes com poucos recursos financeiros, mas com conhecimento técnico/artesanal para o trabalho com a madeira.

Do ponto de vista dos encadeamentos produtivos, com base nessa pesquisa, pode-se dizer que boa parte dos insumos utilizados na fabricação moveleira são nacionais, como a principal matéria prima, a madeira, o que é explicado em grande medida pela competitividade do setor florestal brasileiro, e ainda outros insumos, como plásticos, têxteis, tintas e até algumas máquinas e equipamentos que são produzidos no país. O que se percebeu é que as máquinas mais modernas precisam ser importadas, sobretudo da Alemanha e Itália, líderes mundiais no setor de máquinas e equipamentos para os móveis.

Vimos ainda que a produção de móveis foi impulsionada nos anos 2000. Os dados mostram saltos no valor da produção, número de unidades produzidas e empregos no setor, o que comprova empiricamente a importância da participação do Estado e das políticas expansionistas para alavancar setores industriais e induzir o crescimento e desenvolvimento econômico.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, Glória Lúcia. R. C. **O design na Indústria Moveleira Brasileira e seus Aspectos Sustentáveis**: estudo de caso no polo moveleiro de Arapongas-Pr. 121 f. Dissertação (mestrado em Design). Programa de Pós-Graduação em Design, Unesp, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – FAAC. Bauru-SP, 2009.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Programa de Disseminação das Estatísticas do Trabalho. **Relação Anual de Informações Sociais (RAIS)**. Brasília, DF. 130

BRASIL. Ministério da Economia. Indústria, Comércio Exterior e Serviços/Balança Comercial/Comex. Disponível em: <http://www.mdic.gov.br/>.



BRESSER-PEREIRA, Luiz. C. **A construção Política do Brasil:** sociedade, economia e Estado desde a independência. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

CARVALHO, L. **Valsa Brasileira:** do boom ao caos econômico. São Paulo: Todavia, 2018.

CHOLLEY, André. Observações sobre alguns pontos de vista Geográficos. 1ª parte, **Boletim Geográfico**. Nº 179, p. 139-145, Rio de Janeiro, 1964.

CHOLLEY, André. Observações sobre alguns pontos de vista Geográficos. 2ª parte, **Boletim Geográfico**. Nº 180, p. 267-276, Rio de Janeiro, 1964.

COUTINHO, Luciano. G; LAPLANE, Mariano. F; TAVARES FILHO, Nelson; KUPFER, David; FARINA, Elizabeth; SABBATINI, Rodrigo. **Estudo da Competitividade de Cadeias Integradas no Brasil:** impactos das zonas de livre comércio. Cadeia: Madeira e Móveis. Campinas: UNICAMP, 2002.

ESPÍNDOLA, Carlos. J. Considerações sobre os determinantes do desenvolvimento econômico da América Latina: dos anos de 1980 ao início do século XXI. **Revista Pantaneira**, V. 16. Pag. 28 - 42, UFMS, Aquidauana-MS, 2019.

FIEP. Federação das Indústrias do Estado do Paraná. **Panorama Setorial: indústria de móveis: Paraná 2017.** Curitiba: Fiep, 2017.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Industrial de Inovação Tecnológica – PINTEC, 2017.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Industrial Anual – Produto, 2018.

GALINARI, Rangel; TEIXEIRA JUNIOR, Job. R; MORGADO, Ricardo. R. A Competitividade da Indústria de Móveis do Brasil: situação atual e perspectivas. **BNDES Setorial**, 37, p. 227-272. Rio de Janeiro: BNDES, 2013.

MAMIGONIAN, Armen. Teorias Sobre a Industrialização Brasileira. **Cadernos Geográficos**, Florianópolis (SC), n. 2, 49 p., maio, 2000.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política.** Tradução de Florestan Fernandes. 2ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MAZZOCHIN, Marinez da Silva. **Indústria Madeireira Mundial e Brasileira:** o caso Paranaense. 202 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Unioeste. Francisco Beltrão, 2010.

MEDEIROS, Marlon. C. Pactos de poder e política econômica: comparações Brasil-China. **Geosul**, v. 32, n. 63, p 269-286, Florianópolis, jan./abr. 2017.



PAULANI, Leda. M. A experiência brasileira entre 2003 e 2014: Neodesenvolvimentismo? **Cadernos do Desenvolvimento**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 20, pp. 135-155, jan.-jun. 2017.

PEREIRA, Túlio. C. P. **A Indústria Moveleira no Brasil e os Fatores Determinantes das Exportações**. 104 f. Trabalho de conclusão de curso de graduação (Bacharelado em Ciências Econômicas). Departamento de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2009.

POMAR, Valter. Brasil: variáveis estratégicas. **Crítica marxista**, n. 42, 2016.

RODRIGUES, Dennison. B. **A Industrialização do Município de Francisco Beltrão/PR: o caso da indústria moveleira**. 130 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.

THE ATLAS OF ECONOMIC COMPLEXITY. Disponível em: <https://atlas.cid.harvard.edu/explore>. Acesso em: 09/03/2021.